



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

# Dois prefácios de Anatoli Lunatchárski sobre literatura infanto-juvenil

---

## *Two prefaces by Anatoly Lunacharsky about Children and Youth's literature*

Autor: Anatoli Lunatchárski  
Tradutoras: Mariana Caruso Vieira;  
Clara Drummond de Andrade  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
Edição: RUS, Vol. 16. Nº 28  
Publicação: Maio de 2025  
Recebido em: 21/02/2025  
Aceito em: 24/03/2025

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.234181>

VIEIRA, Mariana Caruso;  
MAGALHÃES, Clara Drummond de Andrade.  
*Two prefaces by Anatoly Lunacharsky  
about Children and Youth's literature.*  
RUS, São Paulo, v. 16, n. 28, pp. 213-226, 2025.



# Dois prefácios de Anatoli Lunatchárski sobre literatura infanto-juvenil

Anatoli Lunatchárski

Tradução: Mariana Caruso Vieira\*  
e Clara Drummond de Andrade\*\*

**Resumo:** Tradução de dois prefácios de Anatoli Lunatchárski, grande nome da Revolução Russa, especialmente no campo da cultura e da literatura. O primeiro prefácio, de 1925, introduz uma série de livros de escritores contemporâneos destinada ao público jovem e escolar. O segundo prefácio, de 1931, introduz uma coletânea de artigos críticos à literatura infantil soviética. A reunião desses textos pretende apresentar uma nova face de Lunatchárski como crítico de literatura contemporânea e clássica, além de elencar temas em discussão por ele sobre a produção e recepção da literatura juvenil e infantil relevantes até os dias de hoje.

**Abstract:** Translation of two prefaces by Anatoly Lunacharsky, an important name of the Russian Revolution, especially in the field of culture and literature. The first preface, from 1925, introduces a series of books by contemporary writers aimed at young people and schoolchildren. The second preface, from 1931, introduces a collection of critical articles of Soviet children's literature. The collection of these texts is intended to present a new face of Lunacharsky as a critic of contemporary and classic literature, as well as listing the themes he discussed about the production and reception of children's and young adult literature that are still relevant today.

**Palavras-chave:** Anatoli Lunatchárski; Crítica literária; Literatura infanto-juvenil; Revolução Russa

**Keywords:** Anatoly Lunacharsky; Literary criticism; Children and Youth's literature; Russian Revolution

## Introdução

**A**natoli Vassilevitch Lunatchárski (1875-1933) foi um dos mais notáveis dirigentes da Revolução Russa e seu nome sempre é lembrado ao se tratar do campo da cultura e arte soviética, particularmente por sua atuação como líder do Comissariado do Povo para a Educação (Narkompros). A presente reunião de prefácios escritos por ele pretende apresentar brevemente sua atuação na crítica literária, especificamente seus comentários sobre as abordagens possíveis da literatura russa clássica e contemporânea voltada para o público infanto-juvenil.

O primeiro prefácio apresentado, de 1925, introduz a série de livros *Bibliotéka sovremiénnnykh pissátelei dlia shkóly i iúnochestva* [Biblioteca de escritores contemporâneos para a escola e a juventude], que foi publicada pela editora *Nikítinskie subbótniki* [Subbótniks de Nikitina]. Conforme sugerido pelo título, a série publicou escritores contemporâneos (mas não apenas estes) com o objetivo de atender às escolas e aos alunos, especialmente fortalecendo os seus diálogos com a literatura contemporânea, frequentemente deixada de lado no ambiente escolar. Entre elas estavam histórias e poemas de mais de quinze escritores, como F. Dostoiévski, M. Górkki, N. Gógol, I. Gontchárov, I. Turguêniev, Tchékhov, entre outros. O prefácio de Anatoli Lunatchárski foi publicado em mais de um dos livros da coleção, em 1925, e posteriormente foi republicado em

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduanda em Letras Português-Russo. Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ, projeto: "Elaborações soviéticas sobre a crítica literária: o caso do formalismo russo e outras vertentes". <http://lattes.cnpq.br/4113768468415224>; <https://orcid.org/0009-0009-4651-7308>; [marianacarusovieira@gmail.com](mailto:marianacarusovieira@gmail.com)

\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduanda em Letras Português-Russo. Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ, projeto: "Elaborações soviéticas sobre a crítica literária: o caso do formalismo russo e outras vertentes". <http://lattes.cnpq.br/7494729192638177>; <https://orcid.org/0009-0004-4215-9172>; [claradrummond@letras.ufrj.br](mailto:claradrummond@letras.ufrj.br)

1927, pela mesma série da editora. É datado pelo autor de 1º de julho de 1925. A presente tradução baseia-se no texto impresso no livro de Vsiévolod Ivánov intitulado *Rasskázy* [Histórias], de 1925.

Originalmente, *Nikítinskie subbótniki* nomeava um círculo literário e artístico organizado por Evdokia Nikitina e que se reunia em seu apartamento, contando com a participação de professores e alunos da Universidade de Moscou, escritores, artistas e críticos literários. Entre eles estava Anatoli Lunatchárski, que participava regularmente, inclusive para realizar a leitura de suas peças (Feldman, 1998). O grupo não era homogêneo e incluiu membros de diversas orientações ideológicas. Sua atividade ocorreu de 1914 a 1933. Em 1922, o grupo organizou uma editora cooperativa de mesmo nome, que atuou até 1931, quando se fundiu com a editora da Federação. Destaca-se em especial a atuação de Lunatchárski na iniciativa de publicações cooperativas, incluindo a criação da própria editora (Feldman, 1998), que resultou em um repertório de obras, manuscritos, cartas, retratos, entre outros, que eram diversos e considerados como de interesse para a história da literatura.

O segundo prefácio selecionado, de 1931, introduz a coletânea *Diétskaia Literatura: kritítchieskii sbórník* [Literatura Infantil: coletânea crítica], publicada pela editora *Gossudárstvennoie izdátelstvo khudójestvennoi literatury* [Editora estatal da literatura]. A coletânea reúne onze artigos que tratam criticamente da literatura infantil produzida desde a Revolução, bem como seus possíveis papéis e desdobramentos. Como autores dos artigos constam: V. Ketlínskaia, P. Tcháguin, T. Trífonova, K. Vyssokóvski e M. Dubínskaia (como um coletivo de autores para o primeiro artigo), M. Górkí, T. Trífonova (como autora também do terceiro artigo da coletânea, *Rievoliútsiólnnaia diétskaia kniga* [Livro infantil revolucionário]), T. Bogdánovitch, A. Barmín, E. Priválova, B. Bukhchtáb, N. Kovarski, L. Guínzburg, V. Gófman e E. Dankó. Ao longo de seu prefácio, Anatóli Lunatchárski possibilita ao leitor um breve panorama acerca do conteúdo apresentado na coletânea como um todo, fazendo comentários sobre cada um dos artigos, bem

como apontamentos referentes aos seus temas. Como isso, o autor oferece, ao mesmo tempo, uma visão geral do volume em questão e uma perspectiva crítica de todo o campo literário infanto-juvenil e das reflexões teóricas a esse respeito.

A leitura de ambos os prefácios traz à tona muitos temas cruciais do pensamento estético marxista, como é o caso do problema da forma e do conteúdo, a necessidade de incluir na literatura os novos temas que emergiram com a revolução social e política, o papel do escritor na construção da nova sociedade comunista e a incorporação do maior contingente leitor possível, em consonância com o programa ampliação da literacia, que teve grande ímpeto no período. O papel de liderança política de Lunatchárski se faz sentir claramente nesses textos, que colocam em relevo a indissociabilidade entre o campo da literatura e da cultura e a práxis política em prol do projeto revolucionário.

### **Prefácio à série “Biblioteca de escritores contemporâneos para a escola e a juventude” (1925)**

Nas escolas anteriores à guerra, temiam a atualidade como ao fogo.

No meu tempo, chegamos apenas a falar de Gógol e tratamos um pouco de Turguêniev e Gontcharov, mais tarde Tolstói foi incluído e, parece-me, Dostoiévski; às vezes tocavam em Koroliénko, mas em geral nos aproximávamos com extrema parcimônia e cautela de uma literatura que fosse mais próxima da época e do humor dos jovens rapazes e moças que se formavam na educação básica.

Ainda que não tivesse acontecido nada de especial na vida social russa, todo pedagogo que fosse pelo menos um pouquinho progressista deveria ter sido um combatente contra essa atenção excessiva que se prestava aos escritores do século XVIII e das primeiras décadas do XIX, e toda a falta dos contemporâneos ou a abordagem escolar e tímida a suas obras menos contundentes.

Sob as elevadas palavras de que as crianças devem ser ensinadas segundo o exemplo dos clássicos – só se torna clássico a pessoa cujos livros cobriram-se com as teias de aranha dos séculos – escondia-se, na verdade, o medo diante da vida, que, em geral, foi de todas as formas eliminado da escola e cujo odor forte não pode não existir em qualquer literatura contemporânea. Mas agora na vida da Rússia aconteceu uma revolução que não aconteceu em nenhum outro país. Como após um terremoto, tudo parece novo. Não há ruína em torno, mas a nova vida não foi ocasionada de forma simplesmente espontânea, mas com um terremoto humano e consciente que violentamente irrompeu de todas as partes. Sobre tudo se adquire um novo ponto de vista, tudo é renovado tanto por fora quanto por dentro. Outra vez, as velhas formas de vida entrelaçam-se de modo extravagante com as novas, e a um olhar superficial pode parecer que nós temos, por exemplo, uma aldeia imóvel, mas basta fixar seus olhos apenas um pouquinho para que você veja que ela é uma aldeia sofredora e milenar, não é a mesma e é preciso estudá-la de uma nova forma.

Isso se aplica ainda mais à cidade e aos seus representantes ativos, como o proletariado das fábricas e usinas e também o proletariado *intelligent*.

Os artistas antigos em parte retiraram-se amargurados da terra renovada, em parte olham confusos para ela, notando mais as ruínas ainda não retiradas do que a nova vida que floresceu. Contudo, há também entre eles aqueles que fizeram um esforço sobre si mesmos e, talvez sem plena compreensão interna, mas com grande sagacidade nos olhos e no lápis, esboçam as formas da nova vida, inicialmente selvagens para eles, mas depois cada vez mais atraentes. Por outro lado, de terras remexidas continuam saindo dezenas e centenas de novos escritores.

Para onde os levou a vida? Por quanta coisa eles passaram? Em uma semana eles sofreram mais do que qualquer outro grandioso escritor ao longo de toda a sua vida em anos anteriores. Todos os horrores da guerra imperialista, todas as complexidades, todas as sinfonias amargas e heroicas da guerra

civil e, ao mesmo tempo, com esses quadros tristes e espantosos da tensão da nossa retaguarda, para não perder as conquistas da revolução para um inimigo muitas vezes mais forte. Quase todos tiveram sua vida lançada de norte a sul, de leste a oeste, fosse um soldado do exército vermelho, um funcionário soviético, ou um nômade, levado pelos turbilhões da atmosfera agitada.

Diante de todas essas circunstâncias, parecem pálidas todas as oposições entre velha e nova forma, que no final das contas floresceu apenas dentro dos gabinetes dos círculos futuristas.

Tornou-se muito mais vital a questão da sensação de que as novas pessoas, tendo novos materiais, deverão, certamente, oferecer algo novo.

Até antes da revolução, oferecer algo novo significava contar sobre o velho de um jeito amaneirado, achar alguma alteração formal virtuosa no material literário, em cuja essência não se encontrava nada de novo, a não ser apenas um deslocamento, por assim dizer, do material da vida para as diferentes curiosidades boêmias dos cafés, para uma molecagem.

A questão da forma para o nosso tempo tornou-se o seguinte para os escritores: encontrar a forma mais precisamente capaz de captar o novo material e mais capaz de explicar claramente para seu intelecto e em especial para o sentimento do leitor.

Não surpreende que pouco a pouco a arte em geral e a literatura em particular devam estar próximas de abordar dessa maneira a escrita que era inerente aos clássicos e aos populistas.

Esse é simplesmente o meio mais conveniente, mais simples, e frente aos novos mundos que se abrem, com a fortuna imensa dos novos pensamentos e sentimentos, os escritores, certamente, logo devem passar para esse meio conveniente e simples, de forma alguma negando a possibilidade de encontrar seus procedimentos individuais em seu escopo.

Certamente, a nossa literatura clássica criou objetos de valores inesquecíveis. Isso já é motivo para nunca virarmos as costas para ela. Em seguida, como já assinalai, o que é mais precioso na nova literatura quanto à língua e aos meios gerais

de abordagem, em particular no âmbito da prosa, apoia-se na encosta fundamental da nossa literatura: de Púchkin a Górkki.

Mas, sem negar em absoluto a importância de que todos os jovens cidadãos, e em especial os alunos soviéticos, estudem a velha literatura anterior à revolução em seus modelos genuinamente saudáveis, isto é, questionando a estética nobre do período pré-revolucionário, nós ainda assim devemos enfatizar que *seria um pecado incompreensível por parte da escola não apresentar aos alunos a literatura contemporânea*. Não é absolutamente necessário para isso introduzir a literatura contemporânea como uma disciplina especial. É preciso apenas encarregar-se de que essa literatura irrompa pelas portas e janelas de cada complexo e preencha-o de luz e vida, para que junto com as ilustrações retiradas pelos alunos da realidade viva, os fatores mais claros para o ensino sejam materiais beletrísticos. E além disso, é preciso que os alunos encontrem facilmente os livros contemporâneos para leitura, frescos, que despertem seu pensamento, que lhes deem a possibilidade de orientar-se no meio circundante de modo mais vivo e rico. Certamente, seria bom deixar o adolescente se virar sozinho na floresta jovem, mas bastante densa da nossa literatura. Contudo não seria mau colocar perto dele uns livrinhos mais apropriados para a sua idade, bem selecionados no sentido do talento artístico, da orientação e do fornecimento de prefácios ou comentários.

Parece que já estão silenciadas as vozes que faziam barulho por causa do empobrecimento da literatura russa. Parece que já é evidente para qualquer um que ela está crescendo, jovem, verdadeira, potente, sofisticada.

É possível colher a cesta de flores mais rica de todas nos prados dessa nova literatura primaveril.

Eu penso que nenhuma editora, nem a *Nikitínskie subbótniki*, pode aspirar a algum monopólio a esse respeito. Que por diversos caminhos, diversos métodos sejam organizadas antologias e coletâneas escolares, mas o primeiro passo, dado pela *Nikitínskie subbótniki*, tem ainda assim sua *própria* fisionomia, que também é muito necessária.

Não se trata de uma crestomatia, em todo caso, tampouco de um livro didático. São histórias inteiras que, em conjunto, oferecem bons esclarecimentos sobre a individualidade de determinado escritor e os enredos que ele, pelas especificidades de sua vida, elegeu como seus objetos preferidos.

Na escolha não há intenção de adaptar-se à ilusória mente semi-infantil da parte mais jovem do público. As histórias falam a plenos pulmões. Cada livrinho traz um prefácio que apresenta as características da identidade social, por assim dizer, do escritor e da importância social da obra proposta à atenção dos jovens.

Eu desejo de coração que a nova literatura e a parte mais nova da atual juventude possam unir-se do modo mais firme possível, e penso que a série oferecida pela editora *Nikítinskie subbótniki* desempenhará nesse sentido um papel notável e benéfico.

### **Prefácio à coletânea “Literatura Infantil: coletânea crítica” (1931)**

A presente coletânea foi feita para leitores que, na prática, se interessam por livros para crianças: pedagogos, escritores de literatura infantil, ilustradores, editores e pais. Esperemos que, para além dessas categorias, este livro alcance também aquele leitor que, apesar de não ter se deparado nas suas próprias práticas com a questão da leitura infantil, entende a enorme importância social do problema da educação das nossas crianças para que elas se transformem em novas pessoas, um problema que, essencialmente falando, deve interessar a cada um dos cidadãos da nossa União.

O nosso leitor, tendo lido a coletânea, provavelmente dirá: “mas que livro triste”.

Sendo assim, resumamos alguns fatos e conclusões dos artigos contidos nele.

A camarada Trífonova observou de forma absolutamente correta o grande papel que os livros infantis revolucionários no sentido próprio devem ter, mas ela teve que constatar que

esses livros, a rigor, não existem; ou melhor, a questão é bem pior do que se eles não existissem, uma vez que há uma grande quantidade de títulos e exemplares de livros pseudorrevolucionários, prejudiciais devido à sua evidente falsidade e ignorância sobre o objeto abordado e sobre o leitor escolhido para si, livros que se apresentam como uma esquisitice confusa.

A camarada Bogdánovitch teve de repetir a mesma coisa sobre os livros de agitação em geral. De um lado há a bobagem que supostamente agrada ao gosto das crianças, e do outro o jornalzinho seco, que deve entalar na garganta do coitado do pequeno leitor. São absolutamente insignificantes as exceções nessas rubricas: Grigóriev toma frente praticamente sozinho, enquanto uma pessoa que encontra um tom mais ou menos correto.

Ao falar sobre as revistas, o camarada V. Gófman está correto ao reconhecer a originalidade, o frescor, a utilidade do conteúdo, em especial de temas, da revistinha *Drújnyie rebiáta* [Criançada Amigável], efetivamente merecedora de atenção. Ele tende a difundir julgamentos favoráveis também à *Pionier* [O Pioneiro], enfim, ele gosta e não sem fundamento, creio eu, da alegre, astuta, bem-humorada e muito atual *Ioï* [Ouriço], que é acessível para crianças um pouco mais jovens, mas em compensação o que são esses *Ogoniók* [Foguinho], que exalam fumaça em meio às nossas crianças, e essas "*Murzilka*" absurdas que se esforçam para entretê-las?

Na poesia infantil, o camarada Búkhchtab não pode deixar de apontar, é claro, quão interessantes são os procedimentos de Tchukóvski, os quais, não obstante, como ele corretamente aponta, podem ser aplicados apenas de um modo criticamente modificado e em um material absolutamente diferente. Ele não pode deixar de sinalizar o grande e brilhante dom de Marchák. Nesse campo ainda existem algumas unidades que podem ser estimadas de forma mais ou menos positiva, mas até mesmo os melhores poetas nas suas melhores obras são todos ainda muito tímidos em seus próprios temas, todos eles ainda estão demarcando o caminho e, no que diz respeito a todo o conjunto da nossa poesia infantil, é possível dizer apenas que é algo

que está germinando, e ademais esse jardim está densamente infestado de ervas daninhas. Os próprios exemplos, que vêm de autores conhecidos e relativamente decentes, como Bartó e Fedórtchenko, são desalentadores.

A situação se torna um pouco mais alegre quando passamos para os livros infantis para idades intermediárias. Entre eles estão as novelas cotidianas caracterizadas pela camarada Priválova. Temos aqui até mesmo coisas grandiosas (Neviérov, Jitkov). Aqui estamos em contato mais próximo com uma literatura para adultos, com os seus procedimentos, e a sua influência benéfica se faz sentir mais uma vez, ao nos lembrar do conselho de Bielínski de não impor barreiras à introdução de crianças mais velhas na literatura adulta, mas, ao contrário, incorporar, de toda forma possível, às suas leituras recomendadas certas obras, certos fragmentos dedicados inteiramente a um tema de escritores clássicos e contemporâneos. E também aqui, é claro, há mais literatura que faz caretas e é sentimental, que sofre a péssima influência do passado e responde tortamente às exigências do presente, do que coisas positivas.

O mesmo vale para a novela histórica feita para leitores infantis ainda mais maduros, apresentada de modo interessante no artigo de Lídia Guínzburg.

Se realmente temos qualquer coisa boa no campo da literatura infantil, é ser um gênero que ultrapassa os limites da literatura de ficção, e que o camarada Kovárski chamou de “livro infantil prático”. Aqui nós podemos nos orgulhar das interessantíssimas conquistas de Ilín, Jitkov e outros. Finalmente, para inveja da Europa, entre nós tem se desenvolvido de modo extremamente interessante uma nova ilustração para crianças, variada e significativa. O artigo da camarada Dankó a esse respeito necessita de uma leitura atenta: ele chega, ao que me parece, a uma série de conclusões curiosas; no campo da ilustração também há uma busca por caminhos, uma luta peculiar de orientações, mas isso é feito de forma densa, clara e confiante, de modo que o artista da palavra fique bem atrás do artista da imagem.

Sendo assim: o livro da nossa coletânea não seria, no fim das contas, triste?

É verdade que, já pelo nosso curto resumo, é visível que esse não é um campo intocado, a nossa literatura infantil não é aquilo que se chamaria de “terreno baldio”. Mas, de fato, o motivo de esse terreno não ser baldio não é só porque nele há alguns arbustos cheirosos aqui e ali, mas também porque nele, a cada passo, existem montículos e buracos.

Para que nós nos libertemos desse período bastante desolador da nossa literatura infantil, o qual se encontra em tamanho contraste com toda a importância percebida desse campo, é necessário que sejam feitas severas e imparciais considerações.

Em todos os artigos da nossa coletânea, os autores se esforçam, ao menos no principal, em fazer a classificação e a estimação dos nossos bens, apontar as causas dos fracassos, encontrar e promover os exemplos possíveis do sucesso.

É claro que à nossa frente está a enorme tarefa da criação de um livro *sistemático* que poderíamos chamar de *Teoria e prática da literatura infantil*.

Tal livro deveria se construir a partir da pedologia biológica e sociológica. Ele deveria começar de modo a nos apresentar a criança contemporânea. O que é a criança, enquanto indivíduo biológico? Como ela se divide em idade, gênero, temperamento etc.? E, o mais importante, como ela se transformará, a depender de diferentes categorias de classe e, no geral, de meio social?

Em seguida, o livro deveria encaminhar-se rumo à orientação dos nossos objetivos educacionais. Qual é o objetivo final que nós definimos para a educação das crianças? Isto é, qual é, em geral, o tipo humano em termos de caráter, ideologia, volume de conhecimentos, habilidades práticas que nós queremos transmitir à sociedade durante a saída de uma pessoa da idade infantil para fase tardia da juventude, para a idade adolescente? O que nesse sentido lhe dará a vida, o movimento dos

pioneiros,<sup>1</sup> a escola etc.? O que pode e deve complementar a leitura de uma idade para a outra, na orientação de um livro feliz, um livro prático, um livro artisticamente educativo e popularmente instrutivo? Quais devem ser os elementos artísticos nos livros didáticos e os didáticos na literatura de ficção? É aqui que entra a questão da ilustração.

A pedologia, ao nos mostrar o nosso objeto, isto é, as nossas crianças, deve partir não de invenções ou de julgamentos *a priori*, mas de dados da ciência biológica e social, baseada na experiência viva e minuciosa, do mesmo modo deve ser construída a penúltima parte do livro: a verificação e consideração das nossas conquistas. Não precisamos de julgamentos simples sobre o fato de que determinado crítico gosta ou desgosta de determinado livro de literatura infantil e como, na sua opinião, ele iria ou não agradar as crianças. Precisamos do estudo sobre a criança leitora, da sua reação aos livros, precisamos de um passaporte para os livros, escrito com constatações cuidadosas e sistemáticas das reações verbais e comportamentais das crianças a eles, é claro, com considerações de todas as particularidades dessas crianças relativamente às rubricas determinadas pela parte pedagógica.

E, já daqui, deve seguir a parte conclusiva do livro. Apesar de a arte não se conformar a prescrições e não poder existir sem o talento do artista, o talento também precisa de orientação e conhecimentos, e uma boa prescrição nunca precisou ser dada a um médico genial. Por isso aqui, na última parte, seria necessário fazer uma conclusão sobre os métodos corretos e trazer exemplos convincentes e numerosos seguidos de análise.

Ainda não escrevemos este livro. Talvez ainda não possamos escrevê-lo. Fizemos o que foi possível. A nossa coletânea é a premissa para tal livro. Na literatura pobre sobre nosso objeto, esperamos nós, ele ocupará um lugar, não muito longe do livro instrutivo da camarada Pokróvskaia.

---

<sup>1</sup> O movimento dos pioneiros foi um movimento criado após a Revolução e dissolvido apenas em 1991, que visava a educar as crianças tanto nos princípios soviéticos (e dar-lhes tarefas de modo a ajudar a comunidade) como também em conhecimentos gerais típicos do escotismo. [Nota das Tradutoras]

**P. S.** O presente prefácio já havia sido escrito quando recebemos adicionalmente o artigo “A literatura infantil no período de reconstrução”, pertencente a um coletivo de autores, e o artigo de Barmín “Livrinho Alegre”. Essas contribuições à nossa coletânea são reconhecidas por qualquer um como de valor. Mas elas não alteram em nada as características gerais que atribuímos à coletânea no prefácio.

O coletivo constata que o período de reconstrução se reflete na literatura infantil de forma extremamente fraca; conseqüentemente, esse artigo também sinaliza um infortúnio. Aponta-se, também, o caminho correto para a superação dessa desgraça, um caminho que, é claro, não é fácil (aqui não existem caminhos fáceis): justamente a organização de quadros.

O artigo do camarada Barmín aponta, do mesmo modo, um infortúnio nas linhas do “Livrinho Alegre”. Temos, aqui, uma alegria ora um tanto quanto vazia, da ordem do formalismo, por assim dizer, ora forçada. Vitórias aqui temos poucas. Aqui é preciso considerar aqueles como Marchák, como Kharms, ou seja, literalmente: dá para contar nos dedos. A questão sobre o riso na literatura de ficção, e não apenas na infantil, mas na literatura como um todo, é uma grande questão, e foi justamente a meu pedido, sob a minha orientação, que a Academia de Ciências organizou uma seção para o estudo do gênero satírico. Eu acreditava que no âmbito dessa seção seria elaborado o problema do riso, a começar pelo seu significado na fisiologia do ser humano, até a análise de todas as suas formas como ferramentas da consciência de classe e da luta de classes. Seria muito bom se os conhecedores da literatura infantil viessem a se juntar a esse trabalho da Academia, uma vez que a questão sobre o “Livrinho Alegre”, por essência, entra justamente aqui: de modo indireto, como material, pois diz respeito apenas à alegria, e, de modo direto, como um elemento significativo, pois pode dizer respeito ao contágio da mente das crianças por meio do sarcasmo, que é uma ferramenta nas mãos do proletariado, o construtor da classe.

Apesar de não terem trabalhado pouco sobre as questões cômicas e satíricas etc., ainda não existe uma elaboração

verdadeiramente científica, acima de tudo marxista, dessas questões. O camarada Barmín vai, em seus julgamentos gerais, por um caminho correto e dá instruções valiosas.

Além disso, entra na coletânea o segundo de dois artigos de M. Górkí publicados anteriormente no *Pravda* em janeiro e maio deste ano. Isso é feito com o consentimento de Aleksei Maksímovitch. Os seus artigos são controversos e provocaram algumas refutações, mas eles se mostram de significativo interesse para qualquer trabalhador do campo da literatura infantil.

## Referências bibliográficas

FELDMAN, David Markóvitch. *Salon-predpriiatie: pisatel'skoe ob"edinienie i kooperativnoe izdatel'stvo «Nikitinskie Subbotniki» v kontekstie literaturnogo protsessa 1920-1930-x godov*. Moscou: Rossiiskii Gosudarstvennyi Gumanitarnyi Universitiet, 1998.

LUNATCHARSKI, Anatoli Vasilevitch. Predislovie [K «Bibliotiekie sovremennykh pisatelei dlia shkoly i iunochestva»]. In: IVANOV, V. *Rasskazy*. Moscou: Nikitinskie subbotnikii, 1925. p. V-XI. Disponível em: <<http://lunacharsky.newgod.su/lib/ss-tom-2/predislovie-k-biblioteke-sovremennyh-pisatelej-dla-skoly-i-unosestva/>>. Acesso em: 28 nov. 2024.

LUNATCHARSKI, Anatoli Vasilevitch. Predislovie. In: LUNATCHARSKI, Anatoli Vasilevitch (ed.) *Dietskaia Litieratura: kritichieskii sbornik*. Leningrado: GIKHL, 1931. p. 4-8.